

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE HISTÓRIA

CARLOS VITOR MARTINS DE CASTRO

**Dois lados da mesma moeda:
Diferentes experiências de um mesmo evento traumático**

Juiz de Fora

2017

CARLOS VITOR MARTINS DE CASTRO

**Dois lados da mesma moeda:
Diferentes experiências de um mesmo evento traumático**

Monografia de final de curso apresentada pelo acadêmico: **Carlos Vitor Martins de Castro**, orientado pelo Doutor **Fernando Perlatto Bom Jardim**, como requisito parcial para requerimento de grau em bacharel em História.

JUIZ DE FORA

2017

Ao apoio dos meus familiares. E perseverança ao lado dos amigos.

Resumo: O presente trabalho tem por função realizar uma análise crítica do Holocausto, através de duas obras literárias com percepções diferentes sobre o mesmo evento traumático. O debate historiográfico neste trabalho aborda a história do tempo presente, como precursora de um debate atual, sobre a imparcialidade em trabalhos históricos de eventos recentes e a função do historiador como agente social, responsável por criar reflexões frente à diversidade de interpretações proporcionadas pela história. E a utilização de obras literárias como fonte alternativa para os historiadores, devido à expressão cultural que permite analisar uma sociedade através de uma nova abertura.

Palavras-chave: Função do Historiador; História do Tempo Presente; História Cultural; Holocausto; Memória;

Sumário

| | |
|-----------------------------------|----|
| 1- Introdução..... | 4 |
| 2- Violência no campo..... | 6 |
| 3- Memória Traumática..... | 10 |
| 4- Dois lados da mesma moeda..... | 15 |
| 4.1- Memória de Bruno..... | 16 |
| 4.2- Memória de Anne Frank:..... | 18 |
| 5- Considerações Finais:..... | 20 |
| Referências Bibliográficas:..... | 24 |

1. Introdução

E de conhecimento de todos que o nazismo na Alemanha foi um dos eventos mais traumáticos do século passado. O Nacional-Socialismo buscou constituir uma Alemanha homogênea, excluindo povos estrangeiros, no que se tornou um grande massacre nos campos de concentração. Porém, existem dois lados de uma mesma moeda. Os acontecimentos do holocausto atingiram de forma diferente, alemães e os perseguidos pelo nazismo (lembrando que não apenas judeus alvos da violência nos campos de concentração e na segunda guerra).

Nos últimos anos a História do Tempo Presente vem ganhando mais espaço na historiografia, ampliando o número de fontes em que os historiadores possam consultar para realizar o seu trabalho. O novo método também coloca em evidência uma antiga discussão sobre a função do historiador e o que devemos estudar. Existe subjetividade nos trabalhos do Tempo Presente? Cabe ao historiador olhar para algo tão próximo, como o recente processo de impeachment da Presidente Dilma Rousseff? Não é muito recente os processos de redemocratização na América Latina? O Holocausto seria um marco que define o que é Tempo Presente?

Diante de tantas indagações é possível responder que sim, o historiador pode realizar uma análise sendo subjetivo, sem que suas ideologias e fatores que o rodeiam possam influenciá-lo em seu trabalho. Mesmo com os desafios apresentados, François Dosse¹ diz que o historiador do tempo presente, consegue trabalhar com profissionais de outras áreas das ciências humanas, para conseguir maiores êxito em seu trabalho e uma abertura da história sobre outras práticas, trazendo novos esclarecimentos.

Mas outro ponto a se ater são as fontes disponíveis. Em estudos de eventos tão próximos, é possível que se utilize o depoimento de pessoas que os vivenciaram. Essas memórias surgem aos montes, em uma disputa por espaço que coloca o historiador em alerta. Henry Rousso² afirma que a memória coletiva é uma construção social compartilhada entre diversos indivíduos, mas que são vividas individualmente. Sendo assim, cada um se apropria dessa memória coletiva, de acordo com suas experiências de vida, naturalizando essas memórias e tomando-as como verdade, sem o questionamento que permite dizer o porquê são

¹ DOSSE, 2012. p.14-15.

² ROUSSO, 2012. p. 95.

naturais e verdadeiras. Essa interpretação indevida de memórias coletivas resulta na construção de histórias, que transformam em verdade experiências particulares, sem levar em consideração a complexidade de determinada sociedade, e dando destaque a uma interpretação, entre várias.

A história cultural abriu um leque para o uso de fontes, que são resultados da expressão cultural, possibilitando olhar à história para além das estruturas. Essa abordagem se tornou conhecida como a “Nova História Cultural”, que tem Roger Chartier como um de seus propulsores. Segundo, Chartier³ a literatura identifica a construção da realidade cultural em diferentes lugares. A história da literatura se apropria de diversos textos, assim o historiador pode utilizá-la como instrumento de representações de diversas sociedades e das relações que se estabelecem entre os indivíduos.

O presente trabalho tem como pretensão analisar o uso da memória como fonte na História, utilizando como base os livros *O Menino do Pijama Listrado*, obra de John Boyne, e *O Diário de Anne Frank*, livro que utiliza os escritos deixados por Anne Frank, com edição de seu pai Otto Frank e da escritora Mirjam Pressler. O trabalho traz as leituras sobre história do tempo presente, história e literatura e a função do historiador, frente às experiências vividas em eventos recentes, traçando a melhor maneira para que se possa trabalhar com as fontes disponíveis.

Primo Levi, químico e escritor italiano, foi um prisioneiro em Auschwitz, um dos campos mais conhecidos do período nazista⁴. Suas memórias foram utilizadas para a constituição de obras literárias, que contribuem para expor a violência do holocausto, os seus resultados e a vida dentro do campo de concentração. As duas obras do autor, *É isto um homem?* e *Os afogados e os sobreviventes*, serviram para contextualização do evento analisado neste trabalho, além de nos fornecerem um olhar crítico sobre o cotidiano e relações dentro do campo de concentração.

³ CHARTIER, 1990.

⁴ LEVI, 1988.

2. Violência no campo

Um dos efeitos do holocausto é a perda. Quando os anúncios revelavam que os judeus de determinada localidade – da Alemanha ou dos países conquistados durante a guerra – seriam levados pelos soldados SS⁵, iniciava uma série de perdas para os prisioneiros, que perdiam seus bens materiais, suas casas, suas famílias. Denúncias, a vontade de não se separarem de suas famílias, ou o sentimento de não viverem na ilegalidade, foram alguns dos motivos que levaram milhares de judeus para dentro de locomotivas com destino a um futuro incerto, onde a morte, para muitos, foi parada final dessa viagem. A violência não justificada – chamada por Primo Levi de violência inútil – surpreendia esses prisioneiros, somada a uma viagem em condições desumanas, como várias pessoas dentro de um mesmo vagão e a falta de água e comida, que segundo Primo Levi, preparou esses Homens para as experiências futuras dentro do confinamento.

“Foram justamente às privações, as pancadas, o frio, a sede que, durante a viagem e depois dela, nos impediram de mergulhar no vazio de um desespero sem fim. Foi isso. Não a vontade de viver, nem uma resignação consciente: dela poucos homens são capazes, e nós éramos apenas exemplares comuns da espécie humana.”⁶

Essas condições separaram os prisioneiros do restante do mundo, e fizeram com que se perdesse a comunicação com o exterior e trouxeram o sentimento de esquecimento, já que a única notícia do mundo vinha com a chegada de novos prisioneiros, com relatos espaçados sobre a guerra. “A intolerância tende a censurar, e a censura aumenta a ignorância das razões alheias e, portanto, a própria intolerância: é um círculo vicioso rígido, difícil de romper.”⁷

São diversas nacionalidades concentradas em um mesmo local, a comunicação que é algo essencial ao ser humano, se torna crucial para sobrevivência dentro do campo. Os prisioneiros que não conseguem compreender as ordens dadas pelos SS, sofrem com as pancadas e suas estimativas de vidas são de em média duas semanas. Os prisioneiros que não conseguem se comunicar, perdem a língua aos poucos dias, não conseguem compreender as informações sobre o campo. Os que se comprometem a compreender assimilam os sons de uma língua estrangeira, mesmo sem sentido. E por fim, tiram a condição dessas pessoas de serem Homens, sem sentimentos de afinidade humana.

⁵ Sigla para a organização militar ligada ao partido nazista.

⁶ LEVI, 1988, p.18.

⁷ LEVI, 2016, p.84.

Segundo Levi, os prisioneiros são rebaixados pelas atitudes dos soldados SS. Ao fim da viagem, até mesmo as identidades lhes foram tirada. Aqueles Homens já não se reconheciam, eles chegaram ao fundo do poço. É nesse momento que cada fragmento de memória da antiga vida, se torna apoio para que eles não se esqueçam de quem são.

Em *É isto um homem*, Primo Levi descreve a hierarquia entre os prisioneiros presentes dentro dos campos de concentração. Os judeus, que perderam sua condição de homem, estão na posição mais baixa dessa hierarquia, tendo que suportar, além das agressões dos SS, a violência de criminosos e presos políticos que estavam acima deles.

Aqueles prisioneiros precisaram aprender como sobreviver dentro do campo. Isso incluiu descobrir o valor dos alimentos, a diferença de receber uma concha de sopa da superfície e do fundo da panela, que tudo pode ser aproveitado e roubado, e principalmente a organização essencial aos alemães. Os prisioneiros aprenderam sobre o tempo:

“Até quando? Os velhos habitantes da Campa riem desta pergunta: uma pergunta pela qual se conhecem os recém-chegados. Riem, e não respondem: para eles, desde meses e anos a problema do futuro longínquo foi se apagando, perdeu toda intensidade, perante os problemas do futuro imediato, bem mais urgentes concretos: como a gente comerá hoje, se vai nevar, se vamos ter que descarregar carvão.”⁸

Primo Levi fala sobre a perspectiva dentro do campo. Não se pode prever o que acontecerá no futuro. Alguns se convencem de que o fim é próximo, outros acreditam na salvação. Seja como for, os alemães eram imprevisíveis em relação aos seus atos com os prisioneiros, as doenças ainda mais. Não se sabe o que o amanhã prepara para os judeus dentro do campo. Ir para a câmara de gás é quase uma questão de sorte, não se sabe qual serão os critérios utilizados para leva-los à morte.

A luta para manter o mínimo da personalidade é constante. As lembranças da vida fora do campo permanecessem na memória e quase se perdem no sofrimento físico. O ambiente contribui para a perda da personalidade.

O trabalho duro e constante e os momentos de descanso são raros.

As condições presentes nos campos trouxeram aos prisioneiros o pior do ser humano. Primo Levi relata a organização dos mercados negros presente no campo, abastecido pelo roubo de artigos dos alemães dentro das fábricas e enfermarias, ou por aqueles que usam das suas habilidades adquiridas com a profissão fora do campo e vendem seus serviços. O pão

⁸ Ibidem, p.47.

distribuído diariamente, que se torna tão valioso para muitos, serve não apenas para matar a fome, como se tornou a moeda de troca do campo.

“Aqui a questão, em geral, é mais simples. Trata-se de roubar ou receptar algum dos variados utensílios, materiais, produtos etc. com os quais lidamos diariamente na fábrica por motivos de trabalho; introduzi-lo no Campo à noite, achar o interessado e fazer a troca por pão ou sopa. Esse tráfico é muito ativo; quanto a certos artigos, ainda que necessários à vida no Campo, o roubo na fábrica é o único meio regular de abastecimento. Casos típicos, os das vassouras, da tinta, do fio elétrico, da graxa para sapatos.”⁹

O tráfico realizado com trabalhadores externos e proibido pelo regulamento do campo, porém, é algo essencial para vida econômica e o funcionamento do campo. Segundo Levi, é através do contrabando que se consegue os artigos necessários para que os chefes de cada bloco mantenha a organização perante os SS, como graxa para os sapatos, que não são fornecidos em quantidade suficiente pelo campo. O mercado também fornecesse roupas e sapato, que são roubados de prisioneiros selecionados para a morte nas enfermarias e colheres.

“... o roubo na fábrica, punido pelas autoridades civis, é autorizado e incentivado pelos SS; o roubo no Campo, severamente reprimido pelos SS, é considerado pelos civis como operação normal de troca; o roubo entre *Hifflinge*, em geral, é punido, mas a punição toca, com igual gravidade, tanto ao ladrão como à vítima.”¹⁰

Primo Levi nos convida a pensar sobre o “bem” e “mal”, perante o quadro dentro das cercas do campo. O autor nos leva a todo instante a pensar sobre essa questão. Os Homens dentro do campo não possuem o mesmo senso moral, do que os Homens livres. A violência imposta constantemente não vem apenas dos alemães. Entre os companheiros, o roubo é constante, que leva a medidas de proteção ser tomadas para que os seus pertences não desapareçam durante a noite. Os Kapos¹¹ gritam ordens a todo o momento, em uma língua desconhecida para os recém-chegados, agredem fisicamente os prisioneiros de seus blocos. Além da já citada, agressões sofridas por prisioneiros de outras categorias.

Uma das formas mais cruéis de violência imposta aos prisioneiros judeus pelos alemães foi o Esquadrão Especial. Segundo Levi, a função atribuída ao Esquadrão, formado por prisioneiros selecionados, era cuidar dos crematórios. Judeus eram responsáveis por encaminhar judeus à câmara de gás, como forma de humilhação. O objetivo do Esquadrão

⁹ LEVI, 1988, p.121.

¹⁰ Ibidem,p.125.

¹¹ Palavra em italiano, que significa chefe ou líder. Dentro dos campos, os Kapos são os chefes dos blocos.

Especial, além da destruição dos judeus, foi provar que judeus era uma sub-raça, obrigando a esses homens a se destruírem e demonstrarem o poder dos alemães sobre esses homens, destruindo suas almas.

A saída dos campos é interpretada como momento de alívio e felicidade entre os prisioneiros, porém Primo Levi afirma que essa sensação não condiz com a realidade de muitos, o prazer da liberdade foi para poucos. Junto ao contexto trágico, de destruição e sofrimento, eles voltam a sentir homens, cheios de suas angústias, muitas das vezes sem uma justificativa. A alegria se fez presente entre os que estiveram por pouco tempo no sofrimento, ou combatentes e presos políticos.

O sentimento de vergonha pesou sobre os judeus libertos. Essa vergonha tem origens diferentes, em grande parte se dá por conta da situação vivida dentro do campo, onde se supera a humilhação e destruição, por conta da mudança moral.

“Esquecêramos não só nosso país e nossa cultura, mas a família, o passado, o futuro que nos havíamos proposto, porque, como os animais, estávamos restritos ao momento presente. Dessa condição de aviltamento saímos só a raros intervalos [...] mas eram saídas dolorosas, justamente porque nos davam oportunidade de medir, de fora, nossa diminuição.”¹²

A vergonha desperta na memória desses homens o questionamento de por que não ter feito algo para resistir. Esses presos enxergam nas pessoas o julgamento, que eles mesmos se fazem, por sua falta de solidariedade com o próximo em uma situação semelhante.

¹² LEVI, 2016, p.59.

3. Memória Traumática

A História do Tempo Presente é tema de constante debate entre os estudiosos da área. A nova vertente de estudo preocupa diversos historiadores em relação à objetividade em estudar um recorte temporal tão próximo, o leque de fontes que se abrem, como a memória e os relatos orais, além de possibilitar uma discursão em relação à função do historiador. Para Carlos Fico¹³, História do Tempo Presente é uma peculiaridade que permite ao historiador o contato com testemunhos de pessoas que vivenciaram determinado evento histórico. A pesquisa desse objeto possibilita o estudo do objeto estando em sua temporalidade.

A objetividade na História do Tempo Presente é possível, segundo François Bédarida, pois não se pode separar o objeto do sujeito que o estuda. Ao mencionar o objeto histórico, se menciona o sujeito que o aprende e como isso ocorre. Para o autor, hoje o historiador se encontra longe da concepção positivista, que considerava que o objeto histórico já existe em si, em uma separação do objeto e sujeito, onde o historiador não construía a história, apenas a reencontrava como ela havia sido.

“Quanto a objetividade, em vez de renega-la como antes à condição de parente pobre, reconhecendo que o historiador jamais é neutro, cumpre restitui-la em toda a sua dignidade, conferindo-lhe por exemplo o status de *mito regulador*, para usar a expressão de Sartre.”¹⁴

O autor não descarta a objetividade, ao contrário, para ele a subjetividade e objetividade devem caminhar juntas para obter a realidade histórica, onde a objetividade será regulada pelo seu campo de aplicação. Bédarida considera que o crescimento do mundo contemporâneo é um fator que complica a tarefa do pesquisador, com a multiplicação de fontes, provocando um crescimento no conhecimento histórico, dificultando para o pesquisador a procura por um princípio unificador. Mas esse processo cria uma tendência de transferência da macro-história para a micro-história, do global para o particular. É fácil notar esse processo nos trabalhos recentes sobre eventos traumáticos, como este, onde se utiliza uma experiência particular para que se possa entender um todo.

A nova vertente também traz o uso de novas fontes, como a memória. Segundo Andreas Huyssen a memória se tornou a emergência de um fenômeno cultural, que volta ao passado, como uma preocupação política e cultural¹⁵. Surgindo nos anos 1960, o discurso

¹³ FICO, 2012 p.43-59.

¹⁴ BÉDARIDA, 2012 p.223-224

¹⁵ HUYSSSEN, 2000, p.9.

de uma memória de um novo tipo busca histórias alternativas e revisionistas, acompanhada de declarações como o fim da história ou o fim da metanarrativas. Impulsionado pelo debate sobre o holocausto, o discurso sobre memória amplia nos anos 1980, na Europa e nos Estados Unidos. Segundo Huyssen, esse movimento se globaliza após a Segunda Guerra e eventos como holocausto, devido a sua grande cobertura pela mídia internacional. Essa globalização da memória aponta o holocausto como a falência da civilização, projetada pelo iluminismo. Além disso, a projeção do discurso para uma dimensão universal leva a pensar questões locais. A memória se torna uma obsessão cultural em todo o planeta. Embora o discurso tenha se tornado um fenômeno internacional, seu núcleo ainda é ligado a histórias específicas.

A cultura da memória traz paradoxos, recebendo acusações de amnésia, apatia e embotamento. As acusações apontam a mídia como responsável pela amnésia, por deixar a memória cada vez mais disponível. As memórias comercializadas são “memórias imaginadas”, com maior facilidade de serem esquecidas. A memória se tornou um objeto de disputa constante. Huyssen acredita que esse comercializar não tenha banalizado acontecimentos como o Holocausto, como evento histórico.

O uso da memória se tornou constante, segundo Henry Rousso, como um instrumento que agrega valor à história¹⁶. A memória e significa a presença do passado, chamando o interesse de historiadores do tempo presente, contribuindo para suas preocupações científicas, principalmente por muitas dessas memórias abordarem acontecimento que deixaram marcas na sociedade. Rousso acredita que a memória individual invoca um passado coletivo. Mas o autor não fala em memória coletiva, pois segundo o mesmo, as percepções se diferem para cada pessoa, influenciado pelo local onde ela se encontra ou por sua escola em um grupo social. Portanto, uma memória não é capaz de representar um passado compartilhado.

A história da memória foca em vetores identificáveis como, associações de preservação de memória e representações dessas memórias, como literatura e cinema. Debruçando-se sobre grupos sensibilizados pelo seu passado, como minorias e grupos afetados por eventos traumáticos. Henry Rousso nos alerta sobre um erro, que gerou críticas, dos historiadores que tomam parte pelo todo, recomendando assim que haja um afastamento da atualidade por parte dos historiadores.

¹⁶ ROUSSO, 2012, p.94.

“[...] a história da memória só poderá realmente pretender oferecer a chave da inteligibilidade do passado quando conseguir se afastar um pouco da atualidade e da demanda social, em suma, dos objetos de recordação que evidentemente necessitam desde logo uma história.”¹⁷

A memória é uma fonte delicada que requer cuidado do historiador que a utiliza para analisar um evento traumático como o Holocausto. A dor, as agressões e a perda podem ser fatores que alterem essa memória, deixando de lado questões importantes que ajudam a compreender o objeto de estudo. A memória humana é falha, capaz de produzir mudanças e falsificações mesmo que de forma involuntária, causadas pelas diversas formas de repressão e até mesmo o tempo, que provoca o esquecimento.

Primo Levi alerta a necessidade de cuidado¹⁸ para análise das memórias – material necessário para se descobrir a verdade sobre os campos de concentração –, devido às condições de violência, e os diversos fatores expostos no tópico anterior, no qual os prisioneiros vivem constantemente. Mudanças bruscas, como o desaparecimento de um companheiro, a viagem dentro de vagões lacrados, a falta de compreensão do idioma, entre outros inúmeros fatores, são responsáveis por tirarem a atenção do prisioneiro ao que está ocorrendo a sua volta. É necessário ser crítico e deixar a aversão e compaixão de lado. “Os melhores historiadores dos Lager, assim, surgiram entre os pouquíssimos que tiveram que tiveram a habilidade e a fortuna de alcançar um observatório privilegiado sem se dobrarem a compromissos.”¹⁹ Os poucos prisioneiros que conseguiram alcançar algum tipo de privilégio dentro dos campos, não alcançaram o fundo nem tiveram sua capacidade de observar tão afetada, a ponto de terem a oportunidade de contarem as histórias sobre os campos.

O esquecimento pode ser provocado pelo sofrimento de se recordar. O medo não apenas do oprimido, mas também do opressor que deseja amenizar o sentimento culpa. A ofensa perpetua por toda uma vida, atormentando a vítima e retirando sua paz. Segundo Primo Levi, o passado do opressor pode pesar, causando mudanças em suas memórias. Seja por culpa ou frieza, as mudanças são para que se possa viver melhor com o passado, ou na tentativa de se desculpar pelos atos de violência. Os opressores também não podem fornecer depoimentos confiáveis. Embora suas histórias não se divirjam dos relatos dos oprimidos ou de fatos já conhecidos historicamente, a resposta para a motivação de determinado ato, são sempre voláteis.

¹⁷ ROUSSO, 2012 p.97.

¹⁸ O autor alerta sobre seu livro, constituído por memórias e por isso uma fonte suspeita como outras memórias.

¹⁹ LEVI, Primo. 2016, p. 13.

Enquanto os oprimidos não necessitam se desculpar, têm suas narrativas filtradas, focando-se nos momentos de alívio, deixando de lado as lembranças mais dolorosas. Mas não apenas as recordações são alteradas. Durante os momentos em que os atos estavam ocorrendo, foi possível alterar a memória, criando relatos falsos sobre o fim da guerra, ou de liberdade, criadas como forma de escape dos traumas vividos.

A mente humana é capaz de simplificar tudo para se orientar melhor no mundo ao seu redor. Inclusive a História. Embora não haja um consentimento sobre determinados assuntos históricos, devido à compreensão divergente entre historiadores, para Primo Levi existe o consenso sobre a divisão entre “bem” e “mal”, reduzindo a História de conflitos em dois grupos, onde o vencedor deve estar no grupo do “bem”, enquanto o perdedor se encaixa no “mal”. Não ocorreu diferente com a Alemanha Nazista. “Ora, não era tão simples a rede das relações humanas dentro dos *Lager*: não se podia reduzi-la a dois blocos, o das vítimas e dos opressores.”²⁰ É possível descobrir e se espantar com o fato das primeiras agressões sofridas no campo não venham dos SS, mas dos próprios companheiros, que partilhavam da mesma situação.

“... a multidão desprezada dos velhos prisioneiros tendia a reconhecer no recém-chegado um alvo sobre o qual desafogar a humilhação, a sua custa uma compensação, a construir a suas expensas um indivíduo de nível mais baixo sobre o qual despejar o peso das ofensas recebidas do alto.”²¹

Não existia o bem e o mal dentro dos campos, as relações complexas repletas de conflitos entre novatos e veteranos, gerando aborrecimento e inveja entre os companheiros. Outro exemplo é o Esquadrão Especial, citado acima, uma forma encontrada pelos alemães para que judeus aplicassem violência contra judeus. Levi considera que esses homens não possuem condições para fornecerem depoimentos jurídicos, apenas um esforço de buscarem a recuperação de si próprios.

Os depoimentos dos sobreviventes não acarretam o verdadeiro sofrimento dos campos de concentração. A maioria dos sobreviventes não representam os melhores, pois esses não sobreviveram ao campo. Os que se salvara foram os egoístas, violentos, que estavam entre os prisioneiros que abusaram de seus companheiros, para se beneficiarem. “Sobreviviam os piores, isto é, os mais adaptados, os melhores todos morreram.”²² Segundo Levi, os sobreviventes não são testemunhas autênticas, por não terem alcançado o fundo do poço.

²⁰ LEVI, 2016, p.28.

²¹ Ibidem, p.30.

²² Ibidem, p.65.

Mesmo com o esforço de narrar os acontecidos no campo de concentração, os sobreviventes não contam a verdadeira destruição.

4. Dois lados da mesma moeda

A utilização de literatura como fonte histórica, vem sendo adotada pela História Cultural há algum tempo, como uma nova possibilidade de interpretação histórica, quebrando a ideia de se estudar história através das estruturas, como a econômicas e organização social. Esse novo tipo de abordagem historiográfica, vem sendo conhecida como “Nova História Cultural”, e tem Roger Chartier como um dos de seus percussores, que percebe esses novos paradigmas e adoção de novos elementos, como a diversidade de costumes, objetos e territórios que podem ser utilizados pela História Cultural.

Os historiadores dessa Nova História Cultural buscam estudar as representações e linguagens, analisam os receptores e consumidores das produções textuais. A utilização de novas fontes que mostram uma história das minorias e setores ignorados pela historiografia. A literatura vem sendo utilizada como uma nova fonte histórica, por sua capacidade de mostrar novos modelos de representação histórica. As obras literárias possuem uma forte ligação com o período que é produzido ou que se refere que ajuda na compreensão da realidade histórica.

“... torna-se importante destacar o fato de que a produção da obra literária está associada ao seu tempo, refletindo em suas narrativas *angústias* e *sonhos* de agentes sociais contemporâneos à sua criação e mesclando elementos de ficção e das possíveis realidades existentes no momento da criação literária...”²³

Pensando na história como detentora de diversas verdades, onde pode-se encontrar várias perspectivas sobre o mesmo fato, a junção de história e literatura oferece maior flexibilidade para se pensar história e os diversos elementos que constituem sua interpretação.

“Apesar de ter sido a literatura considera por muito tempo como um objeto criado a partir dos elementos fantasiosos, da imaginação do escritor e que não possuía os requisitos necessários de verdade e legitimidade para servir como fonte de explicação da realidade histórica onde esta era produzida, ou sobre a qual se referia, percebemos que a produção literária possui um forte elo com o espaço, com o tempo e com as condições sócio-culturais onde esta é construída.”²⁴

Dessa forma, o autor de termina obra literária consegue transmitir os aspectos das relações sociais, ou preocupações do universo onde foi produzida. A obra literária se parte do mundo, como criação humana e se transforma em relato de determinada contexto histórico-cultural. Cabe ao historiador se debruçar sobre a obra com indagações que lhe permitam perceber seu contexto, público que a obra pretende atingir, todo o conjunto que permeia a

²³ JUNIOR, S/D. p.5

²⁴ JUNIOR, S/D p. 4

obra e da sua verdadeira historicidade, para que o historiador tenha a luz de novas percepções sobre determinado acontecimento histórico.

Com a devida análise, a literatura traz novos elementos ao contexto histórico e revelações que possam ter passado despercebidas em determinados grupos sociais. A história, juntamente com a literatura, pode trazer uma teia de informações, dando ao historiador uma melhor interpretação do seu objeto de estudo.

4.1- Memória de Bruno

Em uma exploração pelo terreno de sua nova casa, Bruno se aproxima da cerca que o separava das pessoas vestidas com pijamas idênticos, onde encontra o pequeno garoto Shmuel. Bruno se impressiona com o tom de pele cinza do garoto, seus grandes olhos cor de caramelo e a tristeza neles ao encará-lo. Bruno e Shmuel tinham algo em comum. Ambos nasceram dia 15 de abril de 1934. “Muito estranho, disse Samuel, pois pode haver uma dúzia de meninos chamados Shmuel deste lado da cerca, mas acho que nunca conheci ninguém que fizesse aniversário no mesmo dia que eu.”²⁵.

Contudo, a semelhança termina na data de aniversário.

Bruno é alemão, que vivia com a família em Berlim e precisam se mudar para Haja-Vista²⁶ por conta do trabalho de seu pai. Shmuel é judeu, que junto com sua família levado ao Campo de Haja-Vista por soldados, tirando-os de sua antiga vida. Ambos convivem com o Holocausto, com perspectivas diferentes do mesmo evento histórico. Shmuel vive e sente a violência todos os dias, sendo arrancado de sua casa, obrigado a viver com quinze pessoas dentro de um único cômodo e levado a um lugar onde repressões dos soldados nazistas são constantes e marca lhe a memória. Bruno percebe as mudanças a sua volta, mas não sente a violência física e mal compreende o que estar a sua volta, mesmo sendo filho de comandante do exercito nazista.

O Menino do Pijama Listrado relata a história de Bruno, um garoto de dez anos, filho de comandante do exercito nazista, que se muda com sua família para uma casa ao lado do

²⁵ BOYNE, 2013. p.98-99.

²⁶ Durante a estória o garoto Bruno se refere como, Haja-Vista, o lugar onde ele vai morar com a família. O autor do livro, John Boyne utiliza de jogos de palavras em sua narrativa dando mais naturalidade a falta de compreensão de um menino de dez anos ao mundo em sua volta. Por isso, ao invés de pronunciar Auschwitz, o garoto pronuncia Out-with, que em na tradução para o português recebeu o nome de Haja-Vista.

Campo de Auschwitz. Desde suas primeiras páginas, o livro demonstra que o garoto Bruno não percebe o que está acontecendo a sua volta. Bruno nota as mudanças em sua vida, com os primeiros anos da Segunda Guerra Mundial, como o toque de recolher. Se questionado sobre o trabalho de seu pai, ele não sabe responder, porém sabe que é importante porque sua mãe lhe disse isso. Ao ver pessoas vestido pijamas do outro lado da cerca de sua nova casa, Bruno não sabe quem elas são e o porquê elas estão ali.

Pela inocência de uma criança ou simplesmente por que suas perguntas nem sempre recebem respostas esclarecedoras. A memória de Bruno é marcada pelos eventos do Holocausto, como quando ele descobre o campo de concentração a poucos metros da janela de seu quarto. A presença constante de Pavel - judeu que vem à casa da família todas as tarde para descascar batatas e cenouras – que revela ser médico. E até mesmo do Fúria²⁷, que designa o pai de Bruno para o campo de concentração. O garoto presencia a violência contra Pavel e seu amigo Shmuel, e quando pergunta sobre as pessoas do outro lado da cerca para seu pai, ele lhe responde:

“- Aquelas pessoas... Bem, na verdade elas não são pessoas, Bruno. Bruno franziu o cenho. - Não são? -, perguntou ele, sem saber o que o pai queria dizer com aquilo. - Bem, não são pessoas no sentido em que entendemos o termo -, prosseguiu o pai. - Mas você não deve se preocupar com elas agora. Elas não têm nada a ver com você. Não há nada em comum entre você e elas. Apenas adapte-se à nova casa e comporte-se bem, é tudo o que eu peço. Aceite a situação na qual você se encontra e tudo ficará muito mais fácil.”²⁸

Porém, Bruno não compreende o motivo da violência. Seu professor fala da importância da História que revela um momento de glória da Alemanha. O garoto começa a crescer e se questionar sobre a presença de uma cerca que separa as pessoas. Mas e seu encontro e amizade com Shmuel, que o coloca de frente com uma realidade com a qual ele não está acostumado.

²⁷ Mais uma vez o autor utiliza de um jogo de palavras, como no caso de Haja-Vista. A palavra Führer, termo que significa Líder utilizada pelos soldados para se referir a Hitler, e assimilada por Bruno como Fury, que em tradução significa Fúria.

²⁸ Idibem, p. 52.

4.2- Memória de Anne Frank:

Uma notificação foi o suficiente para mudar a vida de Anne Frank e sua família. A garota de treze anos iniciou um diário, por falta de um amigo com quem pudesse compartilhar seus pensamentos, que mais tarde se torna também o local de confinamento de suas memórias. Anne viveu no mesmo período que Bruno, durante a mesma guerra e em meio ao Holocausto. Porém, Anne Frank sentiu os efeitos desse evento, de uma forma diferente. Começando pela perda da liberdade. A garota relata nas primeiras páginas de seu diário, a vida plena que levava com sua família na Holanda, mas com apreensão por conta de seus parentes que vinham sofrendo com as leis impostas por Hitler.

Os momentos bons com sua família chegaram ao fim com o início da guerra e depois com a chegada dos alemães. “Nossa liberdade foi gravemente restringida com uma série de decretos antissemitas...”²⁹. Demorou cerca de um ano, até que sua família fosse obrigada a abandonar sua casa com a chegada da notificação da SS. “Visões de campos de concentração e celas solitárias passaram por minha mente.”³⁰ Como foi visto com Primo Levi em *É isto um homem*, famílias inteiras eram levadas de suas casas em direção ao campo de concentração, após serem notificadas pelo exercito nazista.

Anne Frank não sofreu com as agressões físicas, relatadas por Primo Levi, em seus dois livros utilizados neste trabalho. A violência chegou à família Frank de uma forma diferente. Eles foram obrigados a viverem em um esconderijo por dois anos, recebendo ajuda de terceiros e dividindo o espaço com outra família, os van Daan. Anne relata que existe certo conforto no anexo, porém seus habitantes vivem constantemente com medo.

“Não importa o que façamos, temos muito medo de que os vizinhos possam nos ver ou ouvir. Desde o primeiro dia começamos a costurar cortinas [...] Não podemos olhar pela janela nem sair. E temos de ficar quietos para que as pessoas lá em baixo não nos ouçam. [...] e me sinto aterrorizada com a possibilidade de nosso esconderijo ser descoberto e sermos mortos a tiros.”³¹

O único contato externo é com as pessoas que oferecem ajuda à família. Responsáveis por fornecerem os cupons para alimentação e itens essenciais para a sobrevivência da família, como roupas e material para estudo, já que os jovens começaram a receber educação através de cursos por correspondência. Além das notícias do mundo externo, tão escarças dentro do

²⁹ FRANK. 2016 p. 18

³⁰ Ibidem, p.29

³¹ Ibidem, p.36-37

anexo. Os problemas de convivência não demoraram a aparecer. Anne não se adaptou a nova família. O conflito foi inevitável em um espaço restrito e tantas personalidades distintas. “Mamãe e a Sra. van Daan não estão se dando muito bem. Há motivos suficientes para desentendimento.”³² A convivência entre a família Frank também se torna tênue durante os dois anos, principalmente entre e Anne e sua mãe.

Mesmo os relatos de uma garota que estava entrando em sua adolescência estiveram focados em seus dilemas emocionais e no restrito cotidiano. Ao contrário de Bruno, Anne tinha plena consciência sobre a guerra. Os moradores do anexo se reuniam em torno do rádio para ouvir as notícias, debatiam sobre política e alimentavam esperanças para o fim da guerra. Os constantes bombardeios à cidade aterrorizavam os moradores, as notícias de aproximação dos ingleses e russos animavam os ânimos da família.

Anne Frank lamentou a perda de pessoas próximas e a vida daqueles que não tiveram a oportunidade de esconderem, como sua família. As notícias de que a cada dia que se passavam, pessoas perdiam suas casas e tinham seus pertences levados pelos SS. A escassez causada pela prisão de pessoas que forneciam cupons para alimentação, ou por fatores externos que impossibilitava que terceiros os ajudassem. Doenças que não podiam ser tratadas, devido às condições em que se encontravam. A comida conservada por um longo tempo e em condições nada propícias. A família Frank escapou do campo de concentração durante dois anos, mas isso não evitou que os efeitos do holocausto chegassem a eles.

³² Ibidem, p.43.

5. Considerações Finais:

O menino do pijama listrado e *O diário de Anne Frank* infelizmente possuem finais trágicos para Bruno e seu amigo Shmuel e a garota Anne. Em um final diferente, Anne, Bruno e Shmuel demonstrariam três memórias convergentes sobre o mesmo evento e diferentes perspectivas. Anne, como ocorreu, teria seu diário divulgado como forma de mostrar os horrores da guerra, seu discurso traria suas perdas durante os anos em que ela e sua família foram obrigados a viverem escondidos. Shmuel teria um discurso sobre a violência que sofreu, em como era horrível morar em Auschwitz e suas perdas. O discurso de Bruno também iria conter suas perdas, como teve que deixar sua casa em Berlim para viver em um lugar que ele detestava. Poderia relatar sobre a violência que ele presenciou com Pavel e seu amigo Shmuel, mas Bruno não a sentiu. O local que um dia ele não gostou se tornou bom ao longo do tempo. Suas perdas não foram tão impactantes como as de Shmuel e Anne. E no final seria do historiador a responsabilidade de ouvir a ambos, sem deixar que a sensibilidade do discurso de Anne e Shmuel o influenciasse e saber problematizar os dois testemunhos.

Em *Seduzidos pela Memória*, Andreas Huyssen fala sobre como o foco em estudos do passado presente se popularizou. Na perspectiva do autor, nos anos 1980 surgiu um novo discurso sobre memória, debatendo-se mais sobre o Holocausto. Ocorre o que Huyssen chama de globalização da memória, que coloca o Holocausto como o evento marco do século XX, onde a teoria Iluminista de uma história linear se quebra, mostrando a incapacidade da humanidade em viver em paz com as diferenças e particularidades. Além de ser uma “metáfora a outras histórias e memórias”³³. O autor diz que o resultado dessa globalização, e a popularização de espaços para a memória, como museus e monumentos. E comercialização através de programas de TV’s e filmes.

O historiador deve participar dos discursos, segundo Huyssen, mas não simplificá-los. Em meio à emergência de tantas memórias, complexificar o discurso dos oprimidos, contribuir para formação de uma narrativa mais subjetiva, pois assim é a História, com diversas verdades que podem entrar em confronto com a história oficial, mas que não deve ter sua importância reduzida. Dessa forma, vêm surgindo nos últimos anos diversos trabalhos com o enfoque em desconstruir uma narrativa que privilegia determinada perspectiva, como é o caso da Ditadura Militar no Brasil e o Holocausto, mostrando que as narrativas que

³³ HUYSSSEN, 2000, p.9-40.

ganharam prestígio após o fim desses eventos traumáticos, não é compatível com a memória de um todo.

Não é incomum escutar alguém falar sobre a Alemanha na Segunda Guerra Mundial e citar a violência presente nos campos de concentração, os milhões de judeus mortos e arianismo dos alemães. Esses discursos colocam os judeus como vítimas e alemães como vilões. Isso ocorre não apenas com o Nazismo, mas também quando se fala das ditaduras na América do Sul e outros acontecimentos.

A história de Bruno demonstra como diferentes memórias são constituídas de um mesmo evento histórico, inclusive eventos traumáticos como o Nazismo durante a Segunda Guerra Mundial, que dizimou milhões de judeus. Com a História do Tempo Presente, que possibilitou o uso de diversas fontes para o estudo de acontecimentos recentes na História, a memória vem, cada vez mais, sendo utilizada pelos historiadores na análise desses eventos traumáticos. O campo da memória vem sendo solicitado, não apenas por historiadores como por outros cientistas sociais, por oferecer uma reconstrução da representação do passado, de acordo com Henry Rousso, “[...] um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional.”³⁴. Mas essa memória se difere ao ser colocado em uma escala ao lado de outra memória. Rousso diz que, não há uma “memória coletiva”, apenas uma representação compartilhada pelo coletivo.

Sobre um mesmo evento, podem-se haver diversos relatos. A história oficial muitas das vezes favorece personagens atingidos pela violência. Por exemplo, a memória de Anne Frank pode ser valorizada por ser parte de um grupo que carrega em história as marcas da violência do nazismo, enquanto os relatos de Bruno pode não receber o mesmo destaque.

Com tantas memórias que podem ser divergentes sobre determinado acontecimento, o historiador precisa se torna um explorador, para encontrar pistas, descobrir novos fatos e assim poder constituir uma narrativa, de forma imparcial, sobre evento como o Nazismo. Porém, existem condições no presente – ideológicas, políticas, sociais - que influenciam o olhar crítico do historiador. É importante como dito por Primo Levi, que a zona cinzenta da História seja investigada. A função do historiador é realizar uma investigação binária, na complexidade humana, realizando isso de forma crítica, sem que favoreça apenas um lado da história. A zona cinzenta de Primo Levi representa o que não está presente na história popular, devido à necessidade de dividir o “nós” e “eles”, as complexidades de lugares como o campo

³⁴ ROUSSO, 2008. p.94.

de concentração não está presente no que ensinado nas escolas, por exemplo. A necessidade de se ter vencedores e perdedores, bons e maus, onde os bons devem se sair melhor, para que esteja tudo certo no mundo, precisa ser evitada pelos historiadores. Como dito antes, dentro dos campos às relações complexas, também e marcadas por conflitos entre aqueles que sofrem agressões, através de roubos ou a violência infligida por judeus que assumem o cargo de chefe do bloco, tornando complicada a divisão dessa experiência em apenas dois blocos.

Sobre um mesmo evento são produzidas diversas memórias, que podem entrar em embate, ao demonstrarem diferentes perspectivas sobre o ocorrido. Estudando o massacre que ocorreu no dia 29 de junho de 1944, em Civitella Val di Chiana, uma cidadezinha localizada em Toscana, Alessandro Portelli³⁵ apresenta uma interessante análise sobre o ocorrido. O que chama atenção no texto do autor é como a história oficial pode contradizer o que está presente na memória da sociedade, um grupo, ou indivíduo. Segundo Portelli, existe a memória dividida pelas vítimas do massacre, onde essas pessoas culpam a Resistência pelo ocorrido. E a memória oficial, que comemora a data e colocam os membros dessa resistência - nas palavras do autor - como “mártires da liberdade”. Essa liberdade da história oficial, na memória dos moradores de Civitella, acabou com a paz da cidade, que possuíam uma convivência sem violência até o ataque da Resistência aos alemães, que resultou em uma retaliação dos exército nazista.

Alessandro Portelli considera que existem várias falhas na história oficial, que não leva em consideração o senso comum dos moradores de Civitella sobre o caso. A memória compartilhada pela população, responsabiliza os membros do movimento pelo ocorrido, retirando a imagem de heróis que a historiografia possa lhes ter dado após o fim da guerra, quando o movimento detinha prestígio frente a essa sociedade.

“Vários são os fatores responsáveis por essas mudanças. As testemunhas talvez relutassem em criticar os membros da Resistência no período imediato ao pós-guerra, quando estes gozavam de prestígio e de certo poder político; os abusos cometidos pelos membros da Resistência após a guerra, para “punir” pessoas respeitadas pela comunidade e que não haviam sido mais fascistas do que as demais, acentuaram a hostilidade do povo de Civitella[...]”³⁶

Os relatos das testemunhas do massacre de Civitella Val di Chiana, assim como o embate entre Anne, Bruno e Shmuel, demonstram que a memória está sempre em disputa e a função dos historiadores e problematizar esse debate em torna delas. Frente à existência de

³⁵ PORTELLI, 2008. p.103.

³⁶ Ibidem, 110.

múltiplas memórias que não são homogêneas, o historiador deve relativizar as narrativas que se disponibilizam como fonte.

O historiador do tempo presente, segundo François Dosse, responde as demandas sociais que lhe são solicitadas cada vez mais. O historiador é um agente social, que possui uma função cívica e ética, responsável por trás um discurso racional, que desmistifique as crenças presentes na memória coletiva e construir uma cultura comum.

O historiador precisa ter cuidado para não tomar o lugar do outro, ou como Primo Levi nos alerta, a realizar julgamentos. O escritor italiano enfatiza que aqueles que vivenciaram a experiência do campo, muito menos aqueles que não viveram, possuem permissão para realizar julgamentos.³⁷

“Cada individuo é um objeto de tal modo complexo que é vão querer prever seu comportamento, ainda mais em situações extremas; nem mesmo é possível antever o próprio comportamento. Por isto, peço que a história dos “corvos do forno crematório” seja meditada com piedade e rigor, mas que o julgamento sobre eles fique suspenso.”³⁸

Segundo Carlos Fico, narrativas conflitantes irão surgir a todo o momento durante o estudo de eventos traumáticos. A empatia com as vítimas de agressões passadas, não deve ser um fator que conduza a história a favor delas. Pensando nisso, o historiador em seu trabalho para conscientizar, deve influenciar a reflexão sobre a multiplicidade de interpretações e não buscar uma única *verdade histórica*.

³⁷ LEVI, 2016, p.46.

³⁸ LEVI, 2016, p.47.

Referências Bibliográficas:

- BÉDARIDA, François. *Tempo presente e presença da história*. In: Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: 8ª ed, Fundação Getúlio Vargas, 2008. p.119-229.
- BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: Algumas Considerações. *Revista de Teoria da História*. v.1, nº3. p. 94-109. Junho de 2010. Disponível em: <<http://www.historia.ufg.br/up/114/o/ARTIGO__BORGES.pdf>> Acesso em: 15 de janeiro de 2016.
- BOYNE, John. O menino do pijama listrado. São Paulo: 1ª ed, 2013. Cia. Das Letras.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- DOSSE, François. História do Tempo Presente e Historiografia. *Tempo e Argumento*. Florianópolis, v.4, nº1, p.5-22. Jan/jun, 2012.
- FICO, Carlos. História do Tempo Presente, eventos traumáticos e documentos sensíveis: o caso brasileiro. *Varia História*. Belo Horizonte, v. 26, nº47, p.43-59.
- FRANK, Anne. O Diário de Anne Frank. Rio de Janeiro: 61ª ed, 2016. Editora Record.
- HUYSSSEN, Andreas. *Monumentos e memória do holocausto: numa idade de mídia*. In: Seduzidos pela Memória: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000, p.67-86.
- HUYSSSEN, Andreas. *Passado presente: mídia, política, amnésia*. In: Seduzidos pela Memória: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000, p.9-40.
- LEVI, Primo. É isto um homem?. Rio de Janeiro: s/ed, 1988. Editora Rocco.
- LEVI, Primo. Os Afogados e os Sobreviventes. Rio de Janeiro: 3ª ed, 2016. Editora Paz e Terra.
- PORTELLI, Alessandro. *O massacre de Civitell Val di Chiana*. In: Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: 8ª ed, Fundação Getúlio Vargas, 2008. p.103-130.
- ROUSSO, Henry. *A memória não é mais o que era*. In: Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: 8ª ed, Fundação Getúlio Vargas, 2008. p.93-101.